

Lugares de Memória: a construção do bandeirante no livro didático

Marlon Teixeira de Faria

Antes de começarmos a fundamentar nosso artigo, devemos fazer uma breve consideração a sua vida do autor de *Memória Coletiva*, (2006). Maurice Halbwachs, nasceu na França em 1877 e faleceu em 1945. Segundo uma biografia incluída em sua obra (2006), era uma criança tranqüila, até o momento em que começou a freqüentar o Liceu Henri IV, onde começou a assistir aulas de Henri Bérghson, que foi onde ele liberou toda sua vontade e gosto pela filosofia.

Desse momento à frente ele lia constantemente obras de Stendhal, Rembrandt, Leibniz, entre outros. Durkheim foi uma de suas inspirações para produção de obras e mais, para o próprio desenvolvimento de suas teorias. Sua morte foi devido ao terror nazista, nos campos de concentração.

Ciente da posição que ocupamos como pesquisadores, e tendo em vista a dimensão atingida na sociedade pelo processo educacional, que não se restringe apenas ao professor, mas que por outro lado, abarca diversos campos sociais em nossa sociedade, Brandão (1997), observamos que muitas vezes ficamos cegos perante algumas abordagens à quais deparamos, já que muitas vezes estamos envolvidos pelo senso comum, segundo Dermeval Saviani (2002), que se torna uma postura adotada, onde muitas vezes sem percebermos reproduzimos determinadas ações e idéias, que por sua vez passam por nosso senso crítico. Assim propomos uma análise do livro didático e seu papel na escola na formação da memória. Propondo a associação da memória com a educação, partimos em busca de uma análise de como a imagem do bandeirante é captada pelos alunos das séries em questão.

Compreendendo a dimensão ampla do desenvolvimento e organização educacional, desenvolvemos essa pesquisa com a intenção de entender tal processo através do livro didático, que por sua vez, em nossa pesquisa o caracterizamos como um lugar de memória, segundo todo o embasamento que conseguimos através da leitura da obra *“Entre Memória e História: a problemática dos lugares”*, de Pierre Nora (1993), nossa reflexão é direcionada a outro objetivo nosso, relacionar o livro didático como um instrumento de produção de memória, e que podemos perceber ser de grande e constante utilidade nas escolas.

Dessa forma, segundo Nora, “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, por que essas ações não são naturais.” (NORA, 1993, p. 13). Ao nosso ver, dentro de uma perspectiva sobre o trabalho de Nora percebemos que os Lugares de memória, acabam por se tornar pedaços, ou melhor lembranças cristalizadas do passado, que surgem com o intuito de não se deixar acabar com toda uma tradição cultural de uma determinada nação ou lugar (que também percebemos em ABREU, 2005). Para melhor completar esse conceito podemos dizer que “Lugares de memória são pois aquilo resta: um resíduo e uma perpetuação. Os testemunhos de um outro tempo, que emprestam ritual a uma sociedade desri-tualizada.” (ABREU, 2005, p. 217). Assim pensando na

constituição desses lugares de memória, chegamos a hipótese de que é quase que fora de questão dissociar o livro didático dessas características. Agora dando um toque nosso de interpretação, entendemos que este objeto tem essa característica de Lugar de Memória devido carregar em seu corpo diversas informações do passado, e que por sua vez são reproduzidas de forma que a crítica é eliminada de sua abordagem, trazendo apenas uma narrativa seqüencial, com alguns pingos de lógica.

Quando discutimos esse tema, antes mesmo temos o dever de refletir sobre alguns conceitos desenvolvidos por Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva*, como memória coletiva e histórica, que aqui assumem os pilares para a construção deste artigo.

Começamos por entender o que seria a memória coletiva, ou melhor, como se dá esse processo de coletividade da memória. Seguindo o que Halbwachs diz, percebemos que “... se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo.” (HALBWACHS, 2006, p. 41). Uma vez que, da forma que conseguimos entender, um grupo e um espaço estão altamente vinculados ao processo da construção da memória de um determinado indivíduo, uma vez que esse herdará diversas características desse grupo, mas que, no entanto o indivíduo não conseguira evocar todos os acontecimentos de seu grupo com todos os detalhes, dessa forma estará sujeito a uma espécie de socialização de sua lembrança, que por sua vez estará sendo alvo de complementos de outros indivíduos, surgindo assim, de uma forma mais objetiva e direta ao ponto, se pode chamar de memória coletiva.

Assim para uma melhor compreensão da memória coletiva, Halbwachs nos oferece uma passagem da qual podemos extrair, não toda, mais uma bela e clara idéia do que posteriormente e com uma árdua reflexão vem a se constituir esse conceito. Dessa forma o autor nos diz que,

Contudo, se a memória coletiva tira suas forças e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...]. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Observando o desenvolvimento de tal conceito (memória coletiva), ou seja, entendemos que ele, em palavras mais simples, se torna o que temos em comum, tratando de uma recordação, ou passagem de nossa vida, ou algum acontecimento que estivemos presente, ou até mesmo algo que não presenciamos, mas conhecemos por meios de testemunhos ou documentos. Mas sem deixarmos de saber que devemos estar dentro de um grupo social, assim assumindo determinadas ações que só esse tem por costume, e que dessa forma por também fazermos parte temos em comum.

Passando desse conceito a um outro de fundamental importância a nós, encontramos a memória histórica. Aqui possivelmente podemos nos confundir quando pensamos esse termo em relação à memória coletiva. Mas o que devemos ter em mente nesse momento, é que este conceito (memória histórica) ocorre devido à apropriação dos lugares de memória para colocar na cabeça dos indivíduos determinadas lembranças (e em alguns casos lembranças criadas) das quais a sociedade julga importantes sobre sua trajetória. Dessa forma Halbwachs diz que,

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que faço parte foi teatro de certo numero de acontecimentos a respeito dos quais digo que me lembro, mas só conheci através de jornais ou pelo testemunho dos que neles estiveram envolvidos diretamente. [...] Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou leituras [...] (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Através de uma análise do que diz esse autor percebemos não totalmente, mais de forma que nos de uma boa base de discussão científica que nos possibilite a realizar nossa proposta de forma clara e objetiva. Agora antes de passarmos a uma relação entre a memória e o livro didático, começaremos por refletir sobre algumas pesquisas sobre esse ultimo a fim de podermos entender seu papel na sociedade.

Dentre alguns autores, entre os quais pesquisamos, Hilton Ferreira Japiassu (1977), em uma das paginas de uma de sua obra, dentro de um tópico onde ele discute, “*Saber, Ciência e Epistemologia*”, ele diz que antes de um saber existe um pré-saber. Sendo assim, pensando sua reflexão em algo concreto e que facilmente temos acesso como o livro didático, observamos que ao longo de nosso crescimento temos um pré-saber, uma espécie de saber a priori, que vem de nossos laços sociais, e vai se desenvolvendo à medida em que adquirimos certa bagagem intelectual. Assim, nesse objeto que estamos discutindo, percebemos que sempre vimos falar de algum assunto contido nele, mas sem um maior aprofundamento, dessa forma uma das primeiras fontes de conhecimento que temos a mão se torna ele (Livro Didático), dentro da perspectiva de Pierre Nora (1993) ele se torna um lugar de memória (de acordo com a citação feita acima), pois a partir de quando o temos como base de aprendizagem, ou de estudo isso fica marcado em nossa mente, ou seja, os fatos que neles encontramos se tornam quase que pessoais para nós. Assim, através de um processo que faz com que algum determinado conhecimento se torne coletivo, e posteriormente ganhe seu aspecto histórico. (com base em nossa análise de Halbwachs, 2006).

Após isso na escola quando passamos a utilizar o Livro Didático e agora com uma visão nossa, embasada por suporte de alguns autores, vemos que ele serve para repassar uma certa forma sistematizada de saber, que faz com que seja criada uma memória através da exposição de seus conteúdos, ele ganha uma certa carga de memória histórica, pois, diversos, quando não todos, os fatos que nele são narrados não conhecemos, mas através dele ficamos tão íntimos que em alguns momentos falamos deles com a propriedade de quem participou desses movimentos.

Aqui utilizamos duas autoras que realizaram uma pesquisa sobre o Livro Didático, Ana Teresa Marques Gonçalves (2009) e Kátia Maria Abud (1994), a primeira sobre uma problemática de seus conteúdos e a segunda acerca da utilização para conservação dos ideais de uma classe e coesão social. Começaremos por uma análise da primeira autora a fim de observarmos algumas questões acerca dos conteúdos. Aqui serão utilizados exemplos sobre a disciplina de História Antiga, mas nossa visão se estendera para compreendermos o livro em si. Dessa forma temos a primeira questão apontada por Gonçalves,

Sem os especialistas em História Antiga, que nem sempre são consultados para revisar as informações postas nos manuais, diversos conceitos já revistos, algumas vezes já mesmo ultrapassados e substituídos por outros mais adequados ao real vivido, reaparecem com toda força nos livros didáticos. (GONÇALVES, 2009, p. 03)

Tendo em vista essa pouca atenção por parte de alguns profissionais para com a

importância do conteúdo presente nos livros didáticos, que por sua vez fica ligado aos próprios ideais que as altas classes pensam, encontramos uma função social dele. Segundo alguns autores, entre eles Abud (1994), ele assume uma forma de manual, ou uma espécie de cartilha onde existem as coisas que devemos aprender e de que forma devemos aprender. Assim o Livro Didático se torna para Abud um

Instrumento de trabalho indispensável, pois não há professor que nele não se apóie, o livro didático tem sido um dos mais utilizados canais de transmissão e, sobretudo, de manutenção dos mitos e esteriótipos que povoam a História do Brasil. E, ainda, a ele cabe uma parte importante da função de continuar alimentando a concepção de História do Brasil... (ABUD, 1994, p. 81)

Assim percebemos ainda que, de uma forma superficial, a intenção, ou mais claramente, o objetivo da seqüência dos conteúdos existentes nos livros didáticos. Dentro da visão dessa autora, mas o resultado de nossas análises, observamos que o livro didático segue um padrão que as classes mais influentes no meio social, juntamente com suas ideologias, pensam para determinar o caminho do processo educacional, que começa também pelas escolas, e que não se restringe somente a ela segundo Brandão (1995).

Tomando por bases esses exemplos das autoras acima citadas, utilizamos a título de exemplo de pesquisa três livros didáticos de História, um da 6ª e dois da 7ª série, que são, *Nova História Crítica* do ano de 1999, de Mario Schimidt, *Por Dentro da História* do ano de 2006 de Pedro Santiago e *História em Documentos* de Joelza Éster Rodrigue, do ano de 2008. A escolha de tais obras não se dá aleatoriamente, primeiramente escolhemos de editoras, autores e períodos de publicação diferentes, com a intenção serem analisados para compreendermos as abordagens trazidas neles.

Com esses materiais em mãos passamos a ler e atentar para os tipos pensados acerca da figura do Bandeirante, e mais, ainda percebemos de que forma ele é construído na cabeça dos alunos do ensino fundamental. Nas duas primeiras obras citadas, observamos que esse homem, o Bandeirante, é tratado de uma forma neutra, de forma que notamos que no da 6ª série existe uma abordagem um pouco mais detalhada dando ênfase a sua vestimenta e seus confrontos com os índios, e sem mais detalhes. Já nos da 7ª traz uma visão mais superficial, ao ponto que faz breves referências as características das viagens, aventuras e perigos por eles passados. A última obra que pretendemos analisar, nos deixa confusos ao buscar entender esses Bandeirantes.

Em determinados momentos nesses livros didáticos o Bandeirante é tratado como um desbravador, não com essa palavra, mas nas entre linhas, da forma que são postas suas viagens e conflitos com os índios ele aos poucos se torna uma imagem de um grande homem, e às vezes como um invasor, mas que não temos muitos detalhes, apenas algumas passagens que nos fazem pensar nisso.

Através dos livros didáticos percebemos que:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 2).

Através dessa passagem de Pollak, observamos a eficiência do livro didático em produzir uma determinada memória, da imagem do bandeirante, que se tornou um grande marco a se falar sobre o povoamento dos territórios do interior do Brasil.

História, memória, Nação mantiveram então, mais do que uma circulação natural: uma circularidade complementar, uma simbiose em todos os níveis, científicos e pedagógico, teórico e prático. A definição nacional do presente chamava imperiosamente sua justificativa pela iluminação do passado. (NORA, 1993, p. 11).

Assim inserida na memória histórica a figura de desbravador do bandeirante, devemos entender o porquê disso. Vemos de acordo com Santiago, que devido a posteriormente São Paulo começar a se desenvolver, a figura do Bandeirante foi posta como um representante de um lugar de uma árdua e sofrida luta para crescer, segundo Santiago (2006).

Dessa forma sobre o Bandeirante percebemos que primeiramente a autora faz referências as dificuldades sociais da vila de São Paulo e assim diz que “Nas matas, buscavam produtos que pudessem render algum dinheiro. Inclusive indígenas.” (RODRIGUE, 2008, p. 230). Com essa passagem e toda sua narrativa, encontrada no livro, observamos um arranjo textual que permite uma interpretação possibilitando um entendimento seu enquanto um grande homem, que desbravou na raça e força esse sertão supostamente inabitado, e ainda ele é mais lembrado à medida que tomamos essa nossa pesquisa a termos regionais, mais todo esse entendimento pra nós, que supostamente temos mais conhecimento e leitura de tais contextos em comparação com uma criança da 6ª ou 7ª série.

Em diversos livros, segundo Santiago, o bandeirante aparece como “... o paulista que desbravou os sertões e contribuiu para formar o Brasil.” (SANTIAGO, 2006, p. 112). Com essa passagem entendemos que a figura do bandeirante hoje em dia não vem sendo discutida com a devida precaução, como vemos acima, nos livros didáticos que falam deles existem apenas fragmentos de suas imagens e aventuras reais, como nesse livro, *Por dentro da História*, da 7ª série, que dedica apenas uma página a esse assunto, e assim é discutido brevemente.

De forma interessante, encontramos mais conteúdos em um livro da 6ª série, contudo este não é o nosso objeto, mas sentimos necessidade de demonstrar isso. Só para ter noção da diferença das dimensões dessa temática discutidas nesse livro, com relação aos da 7ª, observamos uma passagem bem interessante, como,

Os bandeirantes se embrenhavam na floresta tropical fechada, atravessavam montanhas perigosas e rios agitados, indo a lugares muito distantes de qualquer cidade colonial. Mas os objetivos deles não eram nada heróicos: eles eram caçadores de índios... Os bandeirantes atacavam impiedosamente as aldeias indígenas. (SCHIMIDT, 1999, p. 266).

Dessa forma, primeiramente com a intenção de concluirmos, ou melhor, até esse momento encerrarmos nossa pesquisa, entendemos que, nos livros didáticos que utilizamos, a referência sobre o bandeirante é muito fraca. Em nossa análise foi visto o total de 4 (quatro) livros da sétima série, mas devido a falta total de informações, ou mesmo uma figura sobre os bandeirantes, achamos desnecessários citá-los em nossas referências, utilizando assim apenas 3 (três) livros, sendo um da 6ª série.

Finalizando, entendendo essa fraca fundamentação teórica dos livros didáticos,

percebemos hoje em dia que, a caracterização do processo das bandeiras e atitudes dos próprios bandeirantes fica, basicamente, a cargo dos professores, ou seja, estes baseados em suas formações, bacharéis ou licenciados, proporcionar aos alunos um entendimento desse processo, ao passo que ele mesmo possa ter como fazer sua interpretação de tal processo.

Referências Bibliográficas

ABREU, José Guilherme. *Arte pública e lugares de memória*. Revista da Faculdade de Letras

CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO. I Série vol. IV, Porto: 2005.

ABUD, Kátia Maria. *Ensino de História*. In: SILVA, Marcos A. da. (org). *Repensando a História*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. 33ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

GONÇALVES, A. T. M. *Os Conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos Brasileiros*. Disponível em: <http://www.heladeweb.net>. Acesso realizado em 03 de novembro de 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 1ª Ed. São Paulo: Centauro, 2006.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Nº 10, 1993.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, nº. 10, 1992.

RODRIGUE, Joelza Éster. *História em Documentos*. São Paulo: FTD, 2008.

SANTIAGO, Pedro. *Por Dentro da História*. 1ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *A filosofia na formação do Educador*. In: SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum a consciência filosófica*. 14ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SCHIMIDT, Mário. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999.

Marlon Teixeira de Faria

Aluno do Curso de Licenciatura Plena em
História, da Universidade Estadual de Goiás,
UnU de Jussara. E-mail:
marlon.t.faria@hotmail.com.